

A SEMANA – 194*

16 de fevereiro de 1896

Que excelente dia para deixar aqui uma coluna em branco! Ninguém hoje quer ler crônicas. Os antigos políticos esquivam-se; os processos de sensação, as facadas, uma ou outra descompostura, não conseguem neste domingo gordo entrar pela alma do Rio de Janeiro. Só se lerá o itinerário das sociedades carnavalescas, que este ano são numerosíssimas, a julgar pelos títulos. O carnaval é o momento histórico do ano. Paixões, interesses, mazelas, tristezas, tudo pega em si e vai viver em outra parte.

A própria morte nestes três dias deve ser jovial e os enterros sem melancolia. A cor do luto podia ser amarela, que de mais a mais é o luto em algumas partes remotas, se bem me lembra.¹ Verdadeiramente não me lembra nada ou quase nada. Ouço já um ensaio de tambores, que me traz unicamente à memória o carnaval do ano passado.

Uma das sociedades carnavalescas que tinha de sair hoje e não sai, é a que se denominou Nossa Senhora da Conceição. Há de parecer esquisito este título, mas se a intenção é que salva, a sociedade vai para o céu. Os autores da ideia são, com certeza, fiéis devotos da Virgem, e não têm o carnaval por obra do diabo. A Virgem é o maior dos nossos oragos; nas casas mais pobres pode não haver um Cristo, mas sempre haverá uma imagem de Nossa Senhora. Além do lugar excelso que lhe cabe na hagiologia, a Virgem é a natural devoção dos corações maviosos. O chamado marianismo, se existe, – coisa que ignoro, por não ser matéria de crônica – acharia² aqui um asilo forte e grande. Por isso, digo e repito que a intenção foi boa e aceita pelos colaboradores com piedade e entusiasmo.

Entretanto, concordo com a proibição e creio que a sociedade ou grupo de que se trata, se tem igual gosto às ideias profanas, deve adotar denominação adequada. Não faltam títulos, e, pesquisando bem, sempre os há novos.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 47, p. 1, 16 fev. 1896), e SEM1953 (v. 3, p. 107-113). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ O amarelo era símbolo de luto no antigo Egito – é a cor das folhas murchas e secas e, por isso, vincula-se à morte.

² crônica – acharia] crônica, – acharia – em SEM1953.

Penso haver já transcrito aqui a máxima de um senador das Alagoas, no antigo senado imperial. Não queria ele que as eleições se fizessem nas igrejas, como era antigamente, por efeito de uma lei destinada a impedir a violência dos partidos. A lei, que,³ como todas as leis, não podia fazer milagres, não conseguia livrar uma só cabeça ou barriga do cacete ou da navalha, apesar da santidade do lugar. As urnas recebiam cédulas falsas ou eram quebradas. Ouvia-se o trabuco, o dichote obsceno e o resto. Ora, o senador Dantas (chamava-se Dantas) trabalhava contra a profanação, e formulou esta máxima: “As coisas da rua não devem ir à igreja, nem as da igreja sair à rua.”⁴ Referia-se, nesta segunda parte, às procissões. Que diria ele hoje se lesse aquela mistura da Virgem e dos *confetti*?⁵

Podê ser que, ainda tendo ideias profanas, falte ao vedado grupo o⁶ tempo de as meter nos carros. Sabe-se que, pelo carnaval, as ideias andam de carro, e no resto do ano a pé. Talvez por isso é que se cansam mais no resto do ano, e algumas caem e morrem na estrada. De carro, não é assim; aos cavalos fica o esforço de as conduzir e divulgar. Quando sucede encarnarem-se em damas vestidas com luxo e despidas com arte, nem por isso são menos ideias, particulares ou públicas.

Os *confetti*⁷ já fizeram obra durante a segunda metade da semana. Muita moça voltou ontem para casa com a cabeça coberta deles, e não descontente, ao menos que se visse. Há quem creia que o carnaval tende a alargar os seus dias. Realmente, não bastam setenta e duas horas para a alegria de uma cidade como esta, ainda mesmo não dormindo; tais são os sustos, as tristezas, as cóleras e aflições dos outros dias do ano, não contando o tumulto dos negócios, que uma semana ou duas para rir e saltar não seria demais. O tempo, em geral, é curto, mas o ano é comprido.

Não temo, como alguns, que a febre amarela saia destes três dias mais vigorosa que até ontem. A febre amarela, não se sabendo que seja, nem com que se cura, tem já de si a vantagem de não precisar de máscara. Que se divirta se quer, que deixe sossegados e convalescidos os seus enfermos. Concedo que, logo depois das festas, ainda mate a alguns, não se podendo impedir que as constipações, indigestões e outros

³ que,] que – em SEM1953.

⁴ Senador Manuel Dantas (1802-1870), figura importante da política brasileira na época, é mencionado em crônicas publicadas na *Semana Ilustrada* (ano IX, n. 445, p. 3554, 20 jun. 1869; ano X, n. 498, p. 3978, 26 jun. 1870; ano XI, n. 543, p. 4338, 7 maio 1871), sempre por meio deste dito: “As coisas da Igreja não devem sair à rua e as coisas da rua não devem ir à Igreja”. Não localizamos o discurso do senador Dantas em que se encontra a sentença.

⁵ *confetti*?] confetes? – em SEM1953. A palavra “confete” foi dicionarizada em língua portuguesa no *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, organizado por um grupo de filólogos, publicado em 1938 pela editora Civilização Brasileira, ainda grafada “confeti”. Posteriormente à Reforma Ortográfica de 1943, a palavra passou à grafia atual (“confete”). (Cf. HOUAISS; VILLAR, 2001; e BIDERMAN, 2000) Ver ilustração ao final desta crônica.

⁶ o] a – em GN. Acatamos a correção de Aurélio.

⁷ *confetti*] confetes – em SEM1953. Ver nota 5.

incidentes próprios da quadra descambem na epidemia; mas daqui a imaginar que vai recrudescer, acabado o carnaval, é temerário.

Parece que se trata de dar municipalmente um prêmio de cinquenta contos de réis a quem descobrir o remédio certo para curar os doentes de tal peste. Não sou intendente, mas tenho amigos na intendência (dois, ao menos) e tomo a liberdade de lhes propor alvitre diverso e mais seguro. Francamente, estou que, oferecido o prêmio de cinquenta contos, vai aparecer o específico verdadeiro contra a febre amarela, e não um, mas ainda três ou quatro. A rigor, não se pode dar a um só o que também pertence aos outros, e haver-se-á de dividir a verba, o que não é leal, ou aumentá-la. O aumento, agora que estamos com o empréstimo fechado desde ontem, é o que eu proporia, se adotasse o princípio da lei. Poder-se-ia fazer alguma economia, estipulando a cláusula de não ser dado o prêmio, caso o específico deixasse de curar no segundo ano do emprego. Era sempre um recurso, e não dos mais precários. Os remédios envelhecem depressa; alguns há que morrem no berço.

Mas, como disse, não aceito o princípio da lei proposta. Se me quisessem ouvir, eu não excitaria a imaginação farmacêutica, já de si escaldada; eu ouviria particularmente a engenharia, para que me dissesse se não possui artes propriamente suas para deitar fora de uma vez esta nossa hóspede. Curá-la é bom, matá-la é melhor. Ouviria também a medicina. Ouviria a todos, sem excluir as finanças, pois que tal obra, se obra houvesse, exigira muito dinheiro; mas antes gastar dinheiro que perder a fama e as vidas. Era caso de outro e maior empréstimo.

Começo a falar triste. Fora com despesas, fora com moléstias, riamos que a hora é de Momo. *Evohé! Bacchus est roi!*⁸ Sinto não lhes poder transcrever aqui a música deste velho estribilho de uma opereta que lá vai. Era um coro cantado e dançado no Alcazar Lírico,⁹ onde está hoje, se me não engano, uma confeitaria. As damas decentemente

⁸ “Evoé! Baco é rei!” [Trad. nossa] Fala de Eurídice na ópera-bufa *Orphée aux Enfers* (1858), de Jacques Offenbach (1819-1880), que estreou no Brasil em 1865.

⁹ Alcazar Lírico era uma espécie de “café-concerto”, inaugurado no Rio de Janeiro em 1859. Décio de Almeida Prado (1999, p. 89-91) esclarece: “A opereta-bufa do século XIX, que toma como alvos satíricos preferenciais a solenidade da ópera e o prestígio da mitologia clássica, nasce oficialmente com a montagem, em 1858, de *Orphée aux Enfers*. [...] Tanto Orfeu como Eurídice suspiram por outros amores que não o conjugal. Ela não suporta mais os infundáveis concertos de violino – alguns com duração superior a uma hora – do marido. Entre os deuses do Olimpo, para onde Eurídice é levada, após ter sido raptada por Plutão, não reina maior harmonia doméstica. Juno vive ralada de ciúmes pelas frequentes escapadas noturnas do seu celeste esposo, Júpiter, ao passo que os mais jovens, Cupido e Vênus, só entram em casa a altas horas da noite. Todos, neste e no outro mundo, só mantêm as aparências por causa da opinião pública, que, fazendo as vezes de coro grego, reivindica o papel moralizante da peça: *Je suis l’opinion publique / Un personnage symbolique / Ce qu’on appelle un raisonneur*. Eurídice se dá bem nos Infernos, que, de resto, nada possui em comum com o lugar sinistro pintado pelo cristianismo. Ao contemplar Baco em pessoa, em cujos pés se assentam um fauno com cascos de cabrito e uma ninfa dócil, ela entoa com entusiasmo a sua prece pagã: *Evohé! Bacchus m’inspire / Je sens en moi / Son saint délire / Evohé! Bacchus est roi!* Ao cair do pano, Júpiter avoca Eurídice para si, na qualidade de bacante, sobrepondo-se pela força a Plutão e fazendo Orfeu olhar inadvertidamente para trás ao lançar em cena um de seus poderosos raios. Esses dois golpes sujos não constavam da história grega, mas o Senhor do Olimpo dispõe-se a corrigir os erros do passado: *Eh bien! on la refera, la mythologie!*”

vestidas de calças de seda tão justinhas que pareciam ser as próprias pernas em carne e osso, mandavam o pé aos narizes dos parceiros. Os parceiros, com igual brio e ginástica, faziam a mesma coisa aos narizes das damas, a orquestra engrossava, o povo aplaudia, a princípio louco, depois louco furioso, até que tudo acabava no delírio universal dos pés, das mãos e dos trombones. Leitor amigo, substitui Baco por Momo, e canta com a música de há vinte e cinco anos:

*Evohé! Momus est roi!*¹⁰



CARNAVAL
NOVIDADES
só casa especial de artigos carnavalescos da
14 E 16 LARGO DO ROCIO 14 E 16
PRÉDIO NOVO
onde funcionará o armazém de Alfredo

 Grande oficina de roupas de fantasia por preços ao alcance das mais pobres creaturas.

100,000 KILOS DE CONFETTI!!!
parisienses genuinos, de variadas cores politicas sem areia, nem salicylato, nem papéis de jornaes.

A 2\$800 O KILO
Enorme guarda-roupa de theatro para alugar por preços baratissimas-

UNICA CASA QUE TEM
Os gigantes – anões – barrigudos – o diabo!..
Lantejoulas praticadas só aqui,

Typos taes como: Frégoli no bumba! Has de comer! Pica manso, mano!
Chorando sempre e sempre chorando! mesmo porque... quem não chora não mata!
Mascara desde 300 réis, estalos, luvas, meias, lingua de sogra em salmoura
e socas e um segredo!

ATENÇÃO!!!
VIVER..... E MORRER
(TO BE OR NOT TO BE)

Intrepidos galhofeiros! foliões!
Sacordotes de Momo! se quereis
Bellas fantasias por poucos tostões
Vinde ao largo do Rocio

Lembral-vos, pagodistas, quo a vida
Dura um momento, e só tereis
Gosos, mulheres, musica divertida
Vindo á casa do Baptista!

Aqui quem faz o preço é o freguez
Vinde, foliões, alegre rapaziada!
O carnaval é melhor que marmellada!
Todos correm ao Baptista!
O Rei do Carnaval

Na casa sem rival sublime do Baptista
Tudo inspira prazer; durante o carnaval
Existe um não sei qué que nos seduz a vista,
Mais bello que o sorrir da fada sideral.

Carnaval

FONTE: *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 45, p. 5, 14 fev. 1896)

¹⁰ “Evoé! Momo é rei!” [Trad. nossa]

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 47, p. 1, 16 fev. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13637>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Aurélio: sinônimo de dicionário? *Alfa: Revista de Linguística*, v. 44, 2000. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107776>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PEQUENO dicionário brasileiro da língua portuguesa. Organizado por um grupo de filólogos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro: 1570-1908*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.